

TRIBUNA Livre

17
SETEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOZA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

OUVINDO OS RESPONSÁVES DA CÂMARA

Todas as freguesias do Concelho terão estrada, electricidade e escola, dentro de 3 anos, prazo em que esperamos gastar em obras 6.500 contos, sem aumento substancial de receitas

afirma-se numa entrevista de transcendente importância.

Damos facilidades a todos os que querem trabalhar e ajudar-nos e tentamos mesmo despertar os descrentes nas possibilidades do Concelho. Só não ouvimos os inertes e os que teimam em nada produzir

Gastaremos no ano próximo mais de 2.000 contos em melhoramentos. Temos pedidas participações superiores a 5.000 contos e ultimamos os restantes processos com a promessa de concretização dentro dos prazos designados

Acabava de se realizar a reunião do Conselho Municipal para aprovação do orçamento ordinário e do plano de actividades da actual Câmara para o ano de 1961, os primeiros por ela organizados. Parecia ter chegado o momento para ouvirmos os responsáveis auscultando as suas opiniões e sabendo dos seus intentos até porque o orçamento ordinário atingira uma quantia nunca igualada entre nós e causara natural interrogação sobre as



Dr. Eduardo Gonçalves
presidente da Câmara

possibilidades em o concretizar.

Todos opinam que a realizar-se este esforço e a continuar-se estará consumada uma obra impar, nem sonhada sequer entre nós, verdadeiro milagre de recuperação num concelho em que há várias freguesias que não são servidas por um único caminho vicinal não obstante terem mais de 500 habitantes, em que mais de metade do concelho está sem electrificar (até em zonas dentro da Vila), em que por falta de edifícios escolares os desdramamentos são um tristíssimo cancro, em que o povo perdeu a esperança à força de se lhe dizer, em todos os sítios e continuamente, que o concelho não tem dinheiro nem possibilidades, isto para justificar a continuação desta situação em que o marasmo nos lançou. Além de todas estas razões ainda as de termos parte das repartições em edifícios alugados e outra parte num velho e impróprio edifício em que as luzes têm de arder todo o dia, em que os soalhos têm fendas e alguns tetos deixam cair cal.

Ainda há momentos no desbobinar da reunião do Conselho Municipal podemos ver que a preocupação dos conselheiros era a de saberem até que ponto havia viabilidade para tanto dado que, acreditando embora nos homens que em feliz e inspirada hora elegeram para o Município, não era lógico acreditar em tanto num meio em que nada havia mudado se não os responsáveis, com os mesmos rendimentos e

meios.

Mas o Concelho já viu que está com gente de invulgar capacidade e, porque viu é, unânime o entusiasmo que por todo o lado se nota, renascendo em cada uma esperança de ver o seu caminho arranjado, construída a estrada que ha-de ligar a sua freguesia à civilização, a escola em que serão ensinados os seus filhos e montada a electricidade que lhe trará



Dr. António José da Costa
vice-presidente da Câmara

Advogado, com lugar destacado no fóro, de 37 anos, conhecido nos arraiais políticos do distrito pela sua combatividade e pujança, foi vice-presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso durante oito anos. Jornalista de conhecidos recursos dirigiu já vários periódicos. Foi Comandante da Legião Portuguesa, é membro da Mesa da Santa Casa e da Comissão de Assistência, presidente da A. G. da Casa do Povo de Barreiros.

o progresso e o conforto.

Acompanhamos de perto a acção do Município e sabemos de quanto esforço depende essa equipa de valor que é a actual Câmara constituída pelo sr. dr. Eduardo Gonçalves, seu presidente, amarense dedicado e realizador conhecido, pelo sr. dr. António José da Costa, advogado distinto, um novo com assento certo nos arraiais nacionalistas do Distrito e que é seu vice-presidente, e por uma vereação de inegável valor constituída pelos srs. Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste do Concelho e figura de relevo social, dr. João Baptista de Sousa Fernandes, médico e nacionalista convicto, Paulo de Macedo, o maior realizador que o Concelho conhece e José Asdrubal de Oli-

veira, industrial e proprietário.

Não nos podia surpreender o ambiente de carinho com que fomos recebidos pois estamos habituados a ver receber toda a gente assim e a todos incutir entusiasmo e pedir ajuda para que a obra seja de todos e seja sempre maior. Surpreendeu-nos, isso sim, a grandeza de tudo que havíamos de ouvir e ler pois nos foi permitido consultar números, ver plantas, auscultar o parecer dos responsáveis às mil solicitações que lhes são continuamente feitas.

Na nosso frente o sr. presidente da Câmara, o sr. vice-presidente, e os vereadores srs. Padre Albino Fernandes Alves e Paulo Macedo, este vereador das obras.

Vimos para servir o Concelho e só cá estamos para isso. A primeira surpresa encontrada é a das possibilidades que a ajuda do Estado nos dá.

Dissemos ao que vínhamos e porque vínhamos agora: a Câmara tendo de organizar o seu primeiro plano e orçamento certamente que estava agora senhora dos problemas e era o momento do concelho melhor conhecer das suas intensões.

É o sr. presidente a responder-nos:

— A minha entrada para este cargo, bem como a do sr. vice-presidente foi quase simultânea à da vereação em boa hora eleita. De princípio estudamos as necessidades e possibilidades para depois assentarmos em realizações. A primeira surpresa encontrada é a das possibilidades que a ajuda do Estado nos dá desde que estejamos decididos a trabalhar. Vimos para servir o Concelho e só cá estamos para isso e desde que vimos que eramos atendidos não nos contivemos a ordenar um plano de actividades para um ano, mas sim um plano até ao fim do exercício da vereação, isto é, por mais 3 anos. Entendo dever acentuar que este plano favorece de uma maneira especial as freguesias mais pobres, aquelas que até agora menos foram atendidas nas suas solici-

Continua na 2.ª página

Todas as freguesias do Concelho terão estrada, electricidade e escola, dentro de 3 anos, prazo em que esperamos gastar em obras 6.500 contos, sem aumento substancial de receitas

Continuação da 1.ª página

tações, mas duma maneira geral abrange todo o Concelho a quem trás benefícios de monta.

Todos os problemas rurais mais importantes resolvidos e um dispêndio em obras nunca sonhado — 6.500 contos.

Continuando diz:

— Uma freguesia servida por estrada, com electricidade e escola é uma freguesia servida no que lhe é mais necessário, até porque água nos meios rurais mais ou menos todas têm. Promovemos um plano que realiza esta aspiração justa. As dificuldades são enormes até porque somos um dos mais atrasados concelho do País, mas nós viemos para romper e romperemos. O primeiro passo foi o de tratar dos projectos e daí o facto de, desde há meses, mais do que um engenheiro terem estado ao nosso serviço a ultimar processos de participação. Quanto a estradas só nos falta enviar os projectos das estradas até Prozele, Freixeiro-Caires e Senhora do Fastio Dornelas. Quanto a electricidade só está por fazer o projecto referente a Seramil e nos restantes já foram pedidas as participações. Quanto a escolas todos os processos estão em andamento. Importa declarar que temos a promessa de que receberemos as participações e temos a certeza de que das obras participadas nenhuma ficará sem fazer.

Continuando e servindo-se dos próprios processos o sr. presidente acrescentou:

— O dispêndio, só em obras, para realizar tamanho plano, é de 6.500 contos, em 3 anos. Já temos nos competentes Ministérios pedidos de participações que vão além de 5.000 contos e em breve enviaremos os restantes, que são os que acabei de lhe dizer que estão a ser ultimos.

No próximo ano o dispêndio em obras é de mais de 2.000 contos. Acrescendo-lhe o que ainda faremos nos meses que faltam deste ano teremos mais de 2.500 contos.

E continuando:

— Não há o mais pequeno exagero nos números. Ainda este ano faremos muito e no ano que vem entraremos no ritmo intenso de que não mais saíremos. Em 1961 gastaremos em melhoramentos quantias que vão além de 2.000 contos, mas se lhe adicionar o que vamos dispendir nos meses que faltam deste ano o total excederá os 2.500 contos. Veja neste mapa todas as obras a efectuar desde a data presente até ao fim do ano de 1961 e que são:

Remodelação e ampl. da linha eléctrica de Lago	219.000\$00
Reforço da linha eléctrica de Barreiros	106.000\$00
Electrificação do Sertão	6.000\$00
« de Além—Barreiros.	4.000\$00
« do lugar Novo	4.000\$00
« de Queirões	3.000\$00
Reforço da linha de Carrazedo	10.000\$00
Electrif. de Dornelas, Goães, S. Marta e Bouro	837.000\$00
Electrificação de Sequeiros e Portela	126.900\$00
Escola de Afiares	160.000\$00
« de Besteiros	80.000\$00
Ampliação do abastecimento de águas à Vila	20.000\$00
Monumento a Sá de Miranda	40.000\$00
Cemitério de Paredes Secas	67.000\$00
Estrada Rendufe—Ponte	266.000\$00
« Caldelas—Paranhos—1.ª fase	80.000\$00
Acesso a Seramil—1.ª fase	164.000\$00
Calçetamento da estrada de Caires	220.000\$00
Pontão de Caldelas	6.000\$00
Muros de Seramil e Torre	6.000\$00
Calçetamentos, alargamento da rede de distribuição e reparação de edifícios escolares	80.000\$00
Total de	2.504.900\$00

No orçamento ordinário o quantitativo para obras é de 1.600 contos para o ano de 1961. Eu falei-lhe agora em quantia superior a 2.000 contos precisamente porque há melhoramentos mencionados cujo dispêndio não é descrito no orçamento, como escolas, etc., daí a diferença. Temos feito um esforço enorme para que se realize a electrificação, no próximo ano, até Bouro e temos a promessa disso. Ainda esta semana num mapa que me foi pedido sobre prioridades dei o devido relevo a esta obra. Mas bem vê, o melhoramento é de grande monta e pode atrasar. Iremos no próximo mês a Lisboa e lá o recomendaremos especialmente.

Explicação do sr. Paulo Macedo:

— Além dessas obras há ainda os pequenos melhoramentos que se farão e outros que, tendo oportunidade e

sendo-nos apresentados, lhes será dado andamento. A Câmara não deixará de se interessar por todos os melhoramentos que surjam e sejam aconselháveis.

— Posso saber de todos os melhoramentos, por séries, respeitantes ao plano de 3 anos, computados em 6.500 contos? É o sr. Paulo Macedo a dizer-nos:

Em abertura de estradas municipais mais de 2.600 contos.

— Tem aqui um mapa elucidativo, mas mais do que isso, os projectos para ver e até os processos para verificar o andamento. No período indicado de três anos faremos estas estradas:

Rendufe—Ponte da Loureira	266.000\$00
Feira Nova—Prozele	210.000\$00
Caires—Freixeiro	120.000\$00
Dornelas—Senhora do Fastio	120.000\$00
Ponte—Igreja de Lago	298.000\$00
Barreiros—Rendufe	180.000\$00
Caldelas—Paranhos	320.000\$00
Pilar—Torre	102.000\$00
Acesso a Seramil	566.000\$00
Paredes Secas—Seramil—Covide	240.000\$00
Feira Nova—Caires—Calçada	220.000\$00
Total	2.642.000\$00

O Senhor Presidente voltou a falar para nos dizer:

— A segunda fase da estrada Paredes Secas—Seramil—Covide fica para além do prazo do nosso plano mas conta-se que seguirá no ano de 1964. Realizado este plano não teremos qualquer freguesia sem estrada e teremos uma rede completa. A Câmara promoveu o andamento de processos que estavam parados e tudo fará para que as obras se realizem.

Intervenção do sr. Paulo Macedo:

— Lavraremos dentro de dias o auto de adjudicação da estrada Rendufe—Ponte da Loureira e ainda este ano contamos em iniciar o calçetamento em cubos da estrada de Caires até ao Paço Velho, obra magnífica e de grande interesse. Só estas duas obras orçam em cerca de 500 contos. No próximo ano contamos com a participação das estradas de Caldelas-Paranhos e o primeiro troço da de acesso a Seramil.

A electrificação custará à Câmara mais de 1.500 contos, além dos 800 contos que a Chenop dispendirá.

Ouçamos o sr. presidente:

— Temos mais de metade do Concelho sem electrificar e um terço de electrificação feita é insuficiente por falta de potência das linhas. Tanto assim é que teremos de reforçar as linhas de Barreiros, Lago, Carrazedo, Rendufe e Dornelas sem o qual a sua utilidade é pouca. Os agricultores que têm motores de rega vêm-se impossibilitados de os usarem neste tempo pois que se lhes queimam. Outros têm de esperar toda a noite para que a linha se aguente e muitos querem ligar novos motores mas não são autorizados. Temos tanto que fazer neste ramo mas temos a esperança de fazer tudo. O plano de electrificação é amplo e inclui as seguintes obras:

Electrif. de Dornelas, Goães, S. Marta e Bouro	837.000\$00
« de Portela e Sequeiros	115.000\$00
« de Vilela e Seramil	110.000\$00
« Bico	90.000\$00
« Sertão	6.000\$00
« Além—Barreiros	4.000\$00
« do lugar Novo	4.000\$00
« do lugar de Queirões	3.000\$00
Reforço das linhas de:	
Carrazedo	12.000\$00
Lago	219.000\$00
Barreiros	106.000\$00
Total	1.506.000\$00

Canadá-Montreal

MONSIEUR S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

Intervenção do sr. vice-presidente

— Veja que há zonas da Vila sem electrificar, que parte das freguesias têm algumas das suas áreas sem servir, que são várias as freguesias em que as linhas são reforçadas e que são muitas as freguesias a electrificar por não ter lá chegado nunca esse benefício e depois conclua quanto é grande o atraso em que nos encontramos e quanto temos a fazer. Quanto à verba a dispendir de 1.500 contos ela terá de ser acrescida de 800 contos que vai gastar a Chenop na alta tensão até Bouro e só depois se poderá ver como é grande o que se vai fazer.

Chegara o momento de fazermos uma pergunta um tanto indiscreta: na reunião do Conselho Municipal que acaba de fazer-se, um conselheiro disse que a electrificação de Bouro estava calculada em pouco mais de 300 contos e achava o orçamento exagerado. Que lhes parece? A resposta veio do vereador sr. Paulo Macedo que acompanhou o técnico:

— Não tem razão nem lógica a intervenção do sr. conselheiro a quem parece interessar o embaratecimento da obra. Nenhum estudo existe na Câmara que fale em quantia dessas. No encontro com a direcção da Chenop logo ficou esclarecido pelo engenheiro director que só a alta tensão custaria 800 contos e o engenheiro do nosso Município, ali presente, logo esclareceu que a baixa tensão seria de quantia aproximada. De resto sabe-se que os orçamentos da electrificação são os mais rigorosos. Baseiam-se em metros, o cobre é uniforme no preço e nas dimensões e os postes são de preço inalterável. Aquela quantia é realmente para gastar e daí o contarmos com um subsídio superior a 500 contos e termos ainda de pedir um empréstimo de cerca de 300 contos. De resto a electrificação de Bouro sempre implicou a electrificação das freguesias que a ligam à sede e a obra que se vai fazer é completa, com diferentes sub-ramais, ficando a zona melhor electrificada do Concelho.

Finalizou o sr. Presidente:

— E assim se verifica que todas as freguesias terão electricidade e fácil será depois levá-la a lugares dispersos a que não chegue nesta arrancada.

Leia, Assine
e Publique
«Tribuna Livre»

TRIBUNA do CONCELHO

Aspectos Assistenciais do Concelho

(Continuação da 4.ª página)

— Quantas as refeições que estão a ser distribuídas?

— Cerca de 2.000 diárias. Se houvesse uma organização bem estruturada em cada freguesia o contributo da «Caritas» era quase suficiente para resolver o problema assistencial no que respeita a alimentação. Há freguesias em que não obstante continuadas diligências continuam a ignorar o grande benefício que a América nos concede. É certo que na maioria deles tudo corre como é nosso desejo merecendo justo louvor as senhoras e cavalheiros que tão abençoadamente se lhe entregam.

Na Misericórdia

Falando da Misericórdia o nosso interlocutor disse:

— Partidos do nada conseguem-se já o mais difícil para



José Asdrubal de Oliveira
vereador Municipal

Natural e residente em Cadelas, um dos maiores e mais representativos centros do concelho, é ali industrial e proprietário. Foi presidente da Junta de Freguesia, e conselheiro Municipal, substituindo nas funções de vereador seu pai que ali serviu durante cerca de três décadas. Conhecedor dos problemas do concelho de Amares é ainda um dedicado servidor dos interesses de Cadelas, estância termal da maior reputação e que durante tanto tempo esteve esquecida.

que a instituição venha a estar à altura das necessidades do concelho. Por subscrição pública angariamos o dinheiro suficiente para a construção da nova sede. Edifício à altura das necessidades do momento, precisa, contudo, de ser ampliado, ampliação que já está prevista no projecto que a mesa mandou elaborar. Uma Comissão de amigos da instituição conseguiu garantir para aquela um Campo que rodeia a sede e que é imprescindível ao seu desenvolvimento futuro, Campo esse de grandes dimensões e magnificamente situado.

— Mas ouvi, sr. Arcipreste, que o local e o edifício não estão superiormente aprovados e que o futuro hospital terá de ser noutra local, etc?

— Não é verdade o que ouviu porquanto o sr. Ministro da Saúde e Assistência já aprovou a localização, ali, da Misericórdia e futuro Hospital. Mais do que isso: já deu autorização para a compra do terreno acima referido e até já mandou dispor da quantia de 60.000\$00 para esse fim. Se quiser deslocar-se à Misericórdia ser-lhe-ão facultados os documentos comprovativos.

Neste momento interveio o sr. presidente da Câmara para dizer que este problema não dificulta a solução favorável do legado da D. Filomena, cujo assunto a Câmara não descurará.

Continuando o sr. Arcipreste acrescentou:

— Foi preciso vencer dificuldades, refutar exposições e administrar que obra de tão grande vulto não poderia andar à mercê dos caprichos. A solução dada pelo Senhor Ministro é justa e serve os altos interesses do Concelho. Agora há que dar novo impulso à Misericórdia e estou certo que assim vai suceder. A Misericórdia exerce já uma acção de grande vulto tendo quatro médicos ao seu serviço e uma enfermeira e dispõe de aparelhagem para diferentes tratamentos. Se todos os amarenses quiserem contribuir generosamente para o cortejo de oferendas que oportunamente se realizará poderemos em breve começar a enternar doentes.

«Sopa dos Pobres»

Mais adiante:

— Esta instituição tem hoje um edifício próprio, amplo, e bem situado, continuando o pensamento dos seus fundadores sr. Luiz Calheiros de Abreu e Padre José Joaquim da Costa Azevedo. Diariamente é ali distribuída a sopa a 80 pobres e é ali também onde a «Caritas» fornece o almoço às crianças por ela beneficiadas.

Na Comissão de Assistência

A acção da nossa Comissão cifra-se em subsidiar a «Sopa dos Pobres» e distribuir subsídios de invalidez aos pobres mais necessitados do Concelho, além do encargo de transporte de crianças para as Colónias Balneares e fiscalizar e dar parecer sobre todas as instituições de assistência do Concelho.

Quanto a subsídios fazemos a maior diligência para que superiormente se atendam os requerentes efectuando durante o ano muitas centenas de inquéritos pelos quais distribuimos uma média de 12.000\$00. Com a nossa contribuição tornamos possível o desenvolvimento da acção da «Sopa dos Pobres», instituição que merece o franco apoio de todos.

Temos feito da nossa parte para que superiormente sejam atendidas as instituições locais e estamos atentos aos problemas sociais que surgem e exigem a nossa intervenção.

Ver na 6.ª página o final da nossa entrevista

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Voa dar-te mais algumas notícias que te podem ser convenientes.

Baptizados

No dia 28 de Agosto baptizou-se Rosa de Jesus Bastos de Oliveira, filha dos Senhores Domingos da Silva Oliveira e Felicidade da Conceição Bastos. Fizeram de padrinhos Francisco José da Silva Oliveira e sua mulher Rosa Pinheiro da Silva, de Rendufe.

No mesmo dia baptizou-se ainda Domingos Braga Ribeiro, filho de António Lopes Ribeiro e de Maria de Jesus Braga. Foram padrinhos Do-

mingos de Oliveira e Emilia da Glória Lopes, todos do lugar de Santa Marta de Lago.

Em 4 de Setembro foi baptizado António Carvalho da Costa, filho de Armando Soares da Costa e de Maria Olívia de Carvalho. Ficaram padrinhos os meninos João Carvalho da Costa e Maria do Céu da Costa Araújo, ambos de 11 anos, e todos do lugar da Veiga. E quanto a baptizados, por hoje é tudo.

Continua na 5.ª página

Falecimento

D. Rosa Gonçalves de Andrade

Na sua casa de morada, sita no solar de Santo António, da freguesia de Besteiros, deste concelho, faleceu no sábado findo a senhora D. Rosa Gonçalves de Andrade, estremosa mãe do senhor Dr. Tomás Gonçalves de Andrade, abastado e respeitado proprietário daquela freguesia.

A falecida era viúva do sr. Francisco José de Andrade, falecido há cerca de 12 anos, muito querido e estimado, como sua esposa, pelos dotes de excelente coração e de apuro moral que sempre os norteou.

O corpo da falecida ficou depositado na Capela do magnífico solar em que foi visitado pelas pessoas de maior representação social do concelho e por muito povo, a atestar a alta estima em que a fidalga família é tida por todos.

Na segunda-feira, depois dos actos religiosos, o cadáver seguiu para Lisboa, cidade em que tem jazigo próprio e muitos haveres, traslado feito por vontade expressa da chorada Senhora.

À família enlutada, na pessoa do sr. dr. Tomás Gonçalves de Andrade, nosso estimado e respeitado amigo, apresentamos as mais sentidas condolências.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—a snra. Adelaide Veloso.

Dia 20—a snra. Ana Amorim Vieira os senhores Fernando António Vieira Rodrigues e Agostinho César Correia Peixoto.

Dia 22—a senhora D.ª Carlinda Gomes de Abreu Macedo.

Dia 23—as snras. D. Esmeraldina Selesté Menezes Guimarães, Rosa Maria Macedo e o snr. Abel José Dias Antunes.

Aniversário de Casamento

Passa no dia 19 segunda-feira o aniversário de casamento do snr. José Manuel de Macedo e D. Maria Isabel Barbosa de Macedo.

Relembrando o dia festivo em que se uniram pelos laços de amizade debaixo da Lei de Deus, fazemos votos de uma longa vida e muitas felicidades.

COLÉGIO DE S. JOSÉ

INTERNATO
SEMI-INTERNATO
EXTERNATO

— Para educação de rapazes —
VILA DO CONDE — Telefone 466
Direcção: Drs. Casal Pelayo

ENSINO PRIMÁRIO
ADMISSÃO AOS LICEUS
C. GERAL DOS LICEUS

Todas as freguesias do Concelho terão estrada, electricidade e escola, dentro de 3 anos, prazo em que esperamos gastar em obras 6.500 contos, sem aumento substancial de receitas

Continuação da 2.ª página

Em oito edifícios escolares gastar-se-ão 1.040.000\$00

Leve interregno e eis-nos novamente a ouvir o sr. presidente.

—A falta de escolas trás dois males qualquer deles de importância: uso de edifícios impróprios ou desdobramentos que impedem horários consentâneos com o desenvolvimento escolar das crianças. No nosso Concelho o déficit de edifícios é grande e portanto, sobre este sector de melhoramentos, deixamos cair uma atenção muito especial. O total do dispêndio é na verdade enorme distribuído da seguinte maneira:

Amares, 2 salas	160.000\$00
Dornelas, 2 salas	160.000\$00
Paradela, Bouro, 1 sala	80.000\$00
Feira Nova, 2 salas	160.000\$00
Barreiros, 2 salas	160.000\$00
Santa Marta, 2 salas	160.000\$00
Besteiros, 1 sala	80.000\$00
Goães, 1 sala	80.000\$00
Total de	1.040.000\$00

Fazer estas escolas não corresponde a resolver o problema a longo prazo. As populações aumentam e será sempre preciso que se façam novas, construções. Para já o problema tem solução satisfatória.

Cerca de 1.000 contos em pavimentos, águas e esgotos

Momentos antes de iniciado o Conselho Municipal o sr. presidente explicou ao conselheiro sr. Ortigão de Oliveira, espírito culto e auscultador, atento aos problemas que interessam a Caldelas sem descorar os do restante concelho, o que se passava quanto ao abastecimento de águas àquela estância termal inconcebivelmente sem abastecimento nem esgotos não obstante a sua importância. Assistimos à explicação e estávamos, portanto, senhores já deste processo que vimos. Foi pedido à Câmara que providenciasse quanto aos esgotos. Esta, entendeu, e bem, como de resto já tinha previsto no seu plano geral, que Caldelas precisava primeiro de água para depois ter esgotos e muitas mais coisas de que precisa e que lamentavelmente têm sido esquecidas. O estudo está entregue à Repartição do Estado que superintende nestes casos e o sr. Ortigão de Oliveira pôde ver quanto a Câmara acarinha aquela estância. Foi-nos dado ver o início do processo de exploração de águas e construção de um fontenário em Dornelas, o processo de exploração de águas em Seramil e o da pavimentação do lado norte do Largo do Dr. Oliveira Salazar. As obras de pavimentação, águas e esgotos são de cerca de mil contos e relacionam-se da seguinte maneira:

Alargamento do abastecimento de águas na Vila	20.000\$00
Abastecimento de águas a Caldelas	700.000\$00
Exploração e fontenário de Dornelas	80.000\$00
Exploração e fontenário de Seramil	70.000\$00
Pavimentação do lado norte do Largo do Dr. Oliveira Salazar	102.000\$00
Total de	972.000\$00

Pelo Senhor Paulo Macedo foi-nos dito:

— Alem destas obras a anterior Câmara remeteu também, a quem de direito, os projectos de pavimentação e esgotos das ruas de Sá de Miranda e da rua nova, com orçamentos de cerca de 220 contos. Estas obras são precisas e a Câmara se obtivesse as participações não as deixaria perder. Acontece, porém, que devido ao plano de urbanização os processos estão parados e não devem vir a ter aprovação. Isto não quer dizer que as ruas não serão pavimentadas e se não cuidará dos seus esgotos, simplesmente teremos de analisar novamente o problema.

Em caminhos 160.000\$00

Retomada a conversa o sr. Paulo Macedo depois de dizer que o total da quantia prevista nos três anos para caminhos é de 160.000\$00, acrescentou:

— A Câmara resolveu encarar de frente o problema dos caminhos e estradas municipais que é nos meios rurais a causa de contínuas agitações e pedidos e que em regra se vinha solucionando dando pequenos subsídios às Juntas, quase sempre dispendidos sem cautela ou continuidade. Sem deixar de subsidiar as Juntas chamou a si a remodelação e conservação das pequenas vias de comunicação. Tem uma brigada de cantoneiros que vigia e manda proceder às obras que estiverem ao seu alcance e tem uma brigada de calceteiros que trabalharão continuamente para a Câmara. As Juntas, Comissões de proprietários ou outros interessados pede para

colocarem nos locais a pedra e ela fornece os cantoneiros que, em virtude de se tratar de serviço continuado auferem uma quantia módica por metro. Com esta administração conseguimos fazer por um terço obras para as quais colhemos propostas que eram três vezes maiores ao que se gastou.

Intervenção do Senhor Presidente.

— Contamos em três anos fazer calcetas em que despendemos cerca de 100.000\$00 de verbas extraordinárias, calculando em 12 quilómetros a pavimentação. Os primeiros resultados estão à vista e são amplamente animadores.

200.000\$00 em outros melhoramentos diversos

Ainda o sr. presidente:

— Temos ainda melhoramentos e obras diversas que irão a duas centenas de contos. O monumento a Sá de Miranda custa há volta de 40 contos. O cemitério de Paredes Secas é de valor de 67.000\$00, o pontão de Caldelas, os muros de suporte de Seramil e Torre e os subsídios a conceder às Juntas de Freguesia para pequenas obras são outras tantas parcelas do esforço enorme que se está a fazer para que se realizem as aspirações de todos. O plano de obras está já em franco desenvolvimento. Veja que neste momento a Câmara está a construir o cemitério de Paredes Secas, a reforçar a rede eléctrica de Barreiros, a tratar da construção do monumento, a calcear o caminho Souto — Santo António, em Besteiros, e ainda este ano começará novas obras.

Um caso particular

Quisemos atirar esta pergunta: dizem que só o dinheiro que a Feira Nova, parte da Vila, paga para licença de obras chegaria para resolver os seus problemas que são muitos pois tem ruas abertas com casas, sem pavimentos nem esgotos, não tem lavadouros, está em parte sem electrificar, etc. Do sr. Paulo Macedo:

— É verdade. A parte da Vila a que chamamos Feira Nova é a que mais tem progredido e que menos tem recebido na proporção da sua importância. Daí uma situação difícil que é na verdade atentória à dignidade da Câmara. Assim o entendeu o sr. presidente cessante que mandou fazer vários projectos mas o plano de urbanização impede a realização. E veja que, por vezes, aparece quem, menos esclarecido, confunda as realizações da iniciativa particular com as obras da Câmara e apareça a dizer que temos ali gasto bastante.

Anotou o sr. vice-presidente:

— Não viemos para impedir o progresso de uma terra porque outra qualquer a não pode acompanhar. A Feira Nova há-de ver os seus problemas resolvidos embora tenhamos de confessar que ela neste plano não leva o que devia. Em verdade não lhe damos sequer o que ela paga de licenças para construções, o que é significativo quanto ao seu progresso.

Demo-nos por satisfeitos quanto a melhoramentos municipais; atentos, porém, aos interesses dos leitores, que gostam de saber de todos os meios de progresso, e dado que ali estava o sr. Paulo Macedo, em verdade o fulcro da principal iniciativa particular, pedimos-lhe que nos dissesse o que há sobre o assunto. Ei-lo a dizer:

As realizações da iniciativa particular

— Estou mal informado quanto à parte do concelho que não é a Vila mas julgo que não há nada de importante. Esperemos que Bouro, após a electrificação, venha a ter pequenas indústrias que a animem. Caldelas precisa de um impulso da sua Junta de Turismo que tem um saldo apreciável, talvez maior que a Câmara. Se tiver de ir para um empréstimo não lhe faltará o nosso apoio. Construções que se pensam numa piscina, num clube e num parque. São em verdade as suas maiores aspirações e bom seja que as participações sejam pedidas pois o Estado dá quase tudo e o resto há-de aparecer. Na Feira Nova as obras seguem-se numa cadência animadora. Na Rua Sá de Miranda estão a ser construídos 3 prédios, na Rua Nova estão a ser construídas casas para 30 fogos. No lugar Novo, junto à saída para Caires, erguem-se edifícios que constituirão uma grande artéria.

— Teremos continuidade nesse progresso?

— Sem dúvida. Em breve será construída uma oficina de Serralharia para o industrial que está no Largo, vai ser construído um grande imóvel no bairro de Santa Catarina, e no Largo um edifício de quatro pisos para o qual só falta a licença que tem demorado a conseguir. Continuarão as construções no lugar Novo e nas Ruas de Sá de Miranda e Rua Nova em que os terrenos estão vendidos. Isto é muito mais o grande milagre da iniciativa particular ainda aí vem, e breve.

Aspectos e Assistência do CONCELHO

A «Caritas» fornece 2.000 refeições diárias. A «Sopa dos Pobres» 80 refeições. Está deferida a localização da Misericórdia e futuro hospital e autorizada a compra do terreno circundante da sede.

Na nossa frente, fazendo também parte da Câmara estava o sr. Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste do concelho, presidente da Comissão Municipal de Assistência e Delegado da «Caritas» — o homem essencialmente da assistência e que o concelho conhece como tal.

— Senhor Arcipreste, que me diz do panorama local em assistência e como sair dum atraso lastimoso a que nos deixaram chegar?

— Veja como isto estava: a acção da «Caritas» desorganizada, era quase nula; a «Sopa dos Pobres» sem casa própria; a Misericórdia tendo como sede provisória uma casa do bairro para pobres; o posto de Santa Marta sem funcionar; a Comissão de Assistência sem receber subsídios para distribuir aos inválidos, quer por doença, quer por velhice. Como vê, desolador!

Continuando:

— A «Caritas» foi organizada e estendeu os seus benefícios a todas as freguesias do Concelho e é lamentável que por falta de dedicação e de colaboração com os párocos algumas freguesias se vejam agora privadas deste auxílio em géneros tais como: queijo, leite, farinha de milho e trigo, feijão, arroz e até agasalhos que importam em centenas de contos.



Padre Albino José Fernandes Alves
vereador Municipal

Arcipreste do Concelho, oficial da Legião Portuguesa, presidente da Comissão Municipal de Assistência e tesoureiro da Mesa de Santa Casa, é sacerdote de reconhecido prestígio que no concelho tem realizado obra assistencial de tomo distinguindo-se pelo seu prestígio e apuro e pela sua devoção nacionalista.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 74

(CONTINUAÇÃO)

Além desta riqueza, que sabem possuir, ainda é a dos fartos rebanhos que apascentam nos vastos montados e suprem outras faltas provenientes de tão acentuado isolamento.

Por uma questão de cortesia e discreção, que não permite devassar todos os segredos, não cuidei de averiguar, mas tem-se por certo que a rica salgadeira e o fumeiro estão na medida preventiva das seguras e tradicionais normas da vida pelas quais costuma reger-se esta bem governada gente das montanhas.

Tem esta freguesia uma diminuta população estacionária de 130 almas distribuídas por 27 fogos, dos quais 9 se consideram pobres. Mesmo assim, quando toca a sacri-fícios de derrama paroquial para acudir a obras de reparação e conservação da igreja ou de outros imóveis de interesse colectivo, também nisto se comportam a dentro daqueles velhos e salutares princípios de que «a união faz a força»: dispenderam recentemente no arranjo da matriz uns 14 contos; no cemitério, cujo portão se levanta mesmo de frente à porta do fundo da mesma, e foi construído em 1935, todos deram o seu concurso em carros de pedra e materiais, tornando possível a execução de uma obra, em que, se tudo fosse pago, iria além dos 20 contos.

A pequenina e bem zelada matriz está situada a meio dos dois lugares. A uns 100 metros dela no sítio do cruzeiro o caminho bifurca-se em direcção a cada um deles, assentes em plano superior e a uma distância de mais de quilómetro.

Consta ter sido reconstruída de 1881 a 1882 por iniciativa e esforços do respectivo pároco de então, padre António José Francisco, que era daqui natural e o mais afamado caçador das redondezas. Concorreu nessa altura o governo com 300\$00 réis para ajuda dos trabalhos, e o co-re da bula da Santa Cruzada com 30\$00 réis. Com efeito, tem gravada na padieira da porta principal a era de 18-82. Parece ter sucedido a uma velha ermida de N. Senhora do Rosário que ficou a titular de um dos dois altares colaterais, o que está à parte da epístola; defronte é o do Coração de Jesus.

Corria ainda a esse tempo, por tradição entre os fregueses, que o antigo padroeiro era S. Silvestre; mas, a pedido do povo, o abade de Carvalheira, a que geralmente andava anexa; o substituiu pelo *Divino Espírito Santo*, que agora é, e cuja imagem se venerava em uma capela da mesma invocação, sita no lugar de Freitas da freguesia de Covide, tendo-se procedido à sua trasladação com a maior solenidade. Agora anda anexa a Sibões.

Ao fundo da freguesia, correndo já por entre espessos matagais, os dois fortes caudais que abanham confluem no rio chamado *Espírito Santo* e vai precipitar-se em cascata no Homem no sítio conhecido por *Poço da Moura*. Logo abaixo some-se numa distância de uns 600 metros — o tal Pontido.

Em cada lugar as suas «alminhas»; esta freguesia equipara-se no seu isolamento, usos e costumes, ocorrentes de uma mesma posição a consideráveis alturas montanhosas que se defrontam, à de Santa Isabel do Monte. O pastoreio e o cultivo da terra emparelham na carência do vinho e do azeite, por serem igualmente frias. Os nevões do inverno chegam a bloquear em suas habitações os respectivos habitantes e os rebanhos em seus currais durante dias consecutivos. Aqui como ali as casas foram outrora cobertas de colmo.

De qualquer delas não há vestígios no quadro paroquial das primeiras Inquirições; mas tem-se por certo que, principalmente Santa Isabel do Monte, já era habitada em tempo de Romanos. Brufe sê-lo-ia também. No entanto, às alçadas das Inquirições passou despercebida a existência destas pequenas colações. Não seria porque os magistrados dessa época se temessem de chegar a estas alturas, mas antes porque estes povos só se não pudessem eximir-se à sua visita nestes seguros valhaoitos da montanha.

SIBÕES

A ponte do lugar de Cortinhas, abrigado e encovado na serra, sem grandes vistas nem horizontes, está a povoação de Cotel, do ligeiro *coto* em que assenta, circundado

(Continua no próximo número)

L A G O

Continuação da 3.ª página

Casamentos

Planeiam-se alguns casamentos para breve, sendo alguns realizados em Lago e outros fora. Não te digo hoje os nomes dos candidatos porque certos parceiros e parceiras gostam de dar pessoalmente a notícia, em primeira mão, e acho bem que tenham esse gosto... Tenho certo asco aos solteiros e viúvos que não cumprem o 6.º mandamento e também não querem casar-se. A razão é esta: com os seus actos, fora da lei e do bom senso, pecam e fazem pecar os outros, sobretudo a gente nova. É a propósito, um exemplo: — Há dias certa mãe, bastante exemplar, disse-me que um dos seus filhos, com dez anos, lhe perguntou como era que duas raparigas, cujos nomes indicou, podiam dizer-se filhas de Sicrana e de Fulano, uma vez que este não é homem daquela.

E a mãe referida achou mais prudente ficar em silêncio... de boca aberta a olhar para o filho. Podes crer que me enoja ver estes homens, solteiros ou viúvos (o mesmo direi das mulheres) andarem com certas pessoas, como se fôsem casados, acompanhando com elas pelas tabernas, nas romarias etc. etc, embora não vivam habitualmente com elas na mesma casa. Este modo de proceder é fortemente nocivo à moralidade na família, pelas injustiças e falta de paz que produz e também é um mau exemplo contra as leis familiares do Estado e da Igreja Católica. Esta impõe-se pela convicção. Não tem outras armas. Aquele, porém, dispõe de meios. Porque os não usa? E, se os usasse, podes crer, haveria um grande progresso na purificação dos costumes sociais e morais.

Deseja-te saúde o amigo de sempre. J. Moreira

Nomeação

Acaba de ser nomeado como carteiro na C.T.F. de Amares o Sr. Luiz Fernandes Soares, natural da freguesia de S. Vicente do Bico deste concelho. Os nossos parabéns.

Vende-se

Fogão a lenha com caldeira e cilindro estado de novo.

Ver e tratar na Pensão Nascimento.

Caldelas

Telefone 36127

Estrêla Postiça

E Deus criou os astros; e marcou
A cada qual um rumo permanente;
E, para sempre, cada um girou
Da banda oriental para o poente.

E todos estes pontos luminosos,
Que parecem suspensos lá no céu,
Tremeluzindo vão, silenciosos,
Dissipando da noite o denso véu

Foi neste céu, por onde vai agora
Em seu eterno giro, a lua ovante
No seio adormecer da branca aurora,

Que um ser terreno fez girar, ufano
Da banda ocidental para o levante,
O efêmero «ECO» americano!...

Setembro de 1960

UEBRA

Salvé Brasília

No planalto central, por entre pendões festivos,
Fundou-se a nova Capital em 21 de Abril!
Clarins; Soldados marchavam em garbosos e efetivos.
Brasília, nasceu num dia de sol primavera!

Ufano o povo cantava entusiasmado,
Saudando o advento do seu amado Brasil!
Vendo mais uma estrêla no pendão idolatrado,
A tremular ao vento, sob um céu cor de anil!

Do norte ao sul, jovens patriotas vibravam
Unidos; eufóricos, da Pátria orgulhosos;
Olhos fitos-na auri-verde Bandeira-desfilavam!

Alvoradal O imenso gigante despertou;
Buscando no solo virgem, recursos grandiosos,
Que o Brasil neste ciclo de progresso incrementou.

Armando Macedo Martins

Rio de Janeiro 1960

Mistério

Poesia, onda do Infinito
Que impele o barco e faz dele o que quer,
Porque será que aquilo que eu medito
Mo fazes escrever?

Que precisão esta, meu Deus,
De me encontrar peta junto à onda,
De abrir a porta aos pensamentos meus
Ao mergulhar da sonda...

Mas que feitiço enfeitado
Me prende a encher palavras do que sei,
Faz levantar-me à noite e, do sonhado
Dizer o que sonhei?

Oh! Que me importa a mim sabê-lo:
— Jâmais encontro a praia como meta:
Perdi-me dentro de um novelo,
O fio é a linha-recta...

Silva Príncipe

Grande Arraial Minhoto

Recinto do Parque de Diversões, Casino
do Bom Jesus do Monte, Eluminações à
moda do Minho.

Abrilhantada pela Orquestra

COLUMBIA

Ouvindo os responsáveis da Câmara

ASPECTOS DA POLÍTICA CONCELHIA

«Os nossos propósitos de servir com seriedade os interesses de Amares e sua gente e de servir a política de verdade do governo são bem conhecidos de todos. Até são conhecidos de um ou dois agitadores profissionais que para aí há, como acontece em todas as terras — disse-nos o Senhor Vice-Presidente da Câmara

Um aspecto da vida concelhia existe que nos não podia passar despercebido, nesta resenha das «actualidades» concelhias — o da política.

Resolvemos, nesta parte, assediado o Sr. Dr. António José da Costa, o homem, vá lá a expressão, do «pelouro político».

E entramos, sem delongas



Paulo Barbosa de Macedo
vereador Municipal

Presidente da Direcção da Associação dos B. V. de Amares, presidente da A. G. da Santa Casa, membro das direcções da Caixa de Crédito Agrícola, da «Sopa dos Pobres», etc. Nacionalista convicto e bairrista indomável é, como se diz noutra lado, o maior realizador do concelho. Abriu a Rua Sá de Miranda e a Rua Nova, fez construir a nova sede dos Bombeiros e a da Caixa Agrícola, está a ladear uma rua de 30 residências suas, prepara-se para novas construções e está na base de todo o progresso local. É grande industrial e proprietário e impulsor decidido das obras municipais pelouro que lhe está entregue.

nem rodeias, no assunto sobre que todos julgam sempre melindroso falar, em cada terra.

— Senhor Doutor, diga aos nossos leitores, com franqueza: — há problemas políticos em Amares?

— Problemas sérios, bem sabe que não, meu amigo.

Eu tenho como certo que, em política, nos basta evidenciar perante os de baixo e os de cima seriedade de propósitos e honestidade de acção e esperar que os agitadores se desmascaram a si próprios.

— Até parece um programa de acção... (e rimo-nos).

— Foi feliz, na expressão. Um programa de acção e, se quiser, a linha geral das considerações que estamos a fazer e dos apontamentos que está a tomar.

Se não, veja, quanto ao primeiro ponto — seriedade de propósito e honestidade de acção:

Nem eu nem o Dr. Eduardo Gonçalves viemos para a Câmara por desejo próprio, ou para satisfazer caprichos e

vaidades.

O Dr. Eduardo havia já sido presidente desta mesma Câmara e realizado uma obra que o põe acima de todos os despeitados e até de algum que, até agora, tinha prosápia de dirigente político. É o que podemos dizer, em verdade, um homem bom, sem vaidade, sem ambições — Ambições, verdadeiramente, tinha uma, (e tão legítima!) — que o deixassem gozar, na paz das almas boas, o seu lar, a sua família, a superintendência do seu grande casal, e a sua bem merecida medicina.

Por minha parte, também eu estive durante oito anos à frente de uma Câmara. Durante alguns anos em exercício e durante outros coadjuvando um grande amigo meu.

Só em pagamento a hospitais vai, para fora do concelho, às centenas de contos, em cada ano, o dinheiro que tantas vezes é ganho, no meio dos campos, com sangue, suor e lágrimas

E o Sr. Vice-Presidente continua:

Nós não tínhamos Misericórdia (está no princípio, como sabe), e não temos ainda nem cirurgia, nem socorros, nem possibilidade de internamento de doentes, etc, etc. Diga-me, com franqueza: a premente necessidade de criar e instalar uma Misericórdia ou hospital nessas condições, não era, há cinco, há dez, há quinze e vinte anos uma realidade? A necessidade existia mas ninguém se importou. E veja que só em pagamento a hospitais vai, para fora do concelho, às centenas de contos em cada ano, o dinheiro que tantas vezes é ganho, no meio dos nossos campos, com sangue, suor e lágrimas. Estamos agora de mãos á obra. Vamos fazer um cortejo de oferendas que, creio eu, vai ficar na história da assistência concelhia como o maior dia de Amares. Vamos ampliar o edifício. Vamos construir enfermarias. Temos assegurada a cirurgia, por médicos competentes. Etc, etc.

— Sr. Doutor: mas o nosso tema era a política...

— Exactamente. Então não sabe que quem tanto tem trabalhado e tomado as coisas a sério tem recebido como prémio as reclamações, protestos, e entraves de toda a ordem, que têm chovido sobre a mesa do Senhor Ministro da Saúde?

São alguns amarenses irresponsáveis, talvez degenerados, a quererem privar o concelho de tão grande melhoramento e a pretenderem que continuemos atrás dos outros em tudo.

De tudo já experimentara, antes de aceitar a vice-presidência de Amares. Tinha todas as razões e certezas para recusar, começando pela necessidade de não abandonar o exercício intenso da minha profissão.

Aceitei, por ser a minha terra a reclamá-lo e porque um grupo de bons e desinteressados amigos o exigia e o merecia.

E quer ver por que eu e o Dr. Eduardo tínhamos de aceitar?

— Nem interrompo.

— Olhe, meu amigo: Amares precisava de que alguém acoresse a pelejar pela satisfação das suas necessidades e justíssimas aspirações.

Se não, veja.

Pode dizê-lo no jornal com as letras todas. Há quem esteja a pretender atraí-lo a nossa obra assistencial a favor do Concelho.



Dr. João Baptista de Sousa Fernandes, vereador Municipal

Formado pela Universidade do Porto, em medicina, é natural do vizinho concelho de Póvoa de Lanhoso fixando-se definitivamente no nosso concelho, há cerca de 3 anos. De uma família distinta não obstante os seus 29 anos logo foi chamado para conselheiro municipal e, depois, para vereador. É membro da Mesa de Confraria da Senhora da Abadia e oficial e médico da Legião Portuguesa.

Estou ou não a falar de política?

— Tem razão. Continuo a não interromper.

— Quero precisamente insistir no assunto da Misericórdia. Havemos de levar a obra ao fim. Venceremos as dificuldades traiçoeiramente levantadas no nosso caminho, quer

de dentro, quer de fora... Ninguém nos negará razão e justiça, na pretensão de querer a Misericórdia em mãos

seguras.

É isto ou não política?

— Não interrompo Sr. Doutor.

A deficiente instalação das repartições públicas

— Veja, por exemplo, outra necessidade concelhia. Nós não temos, praticamente Paços do Concelho. Temos os serviços mal instalados. Não temos uma sala de sessões condigna, onde possamos organizar uma sessão importante. Não temos dependências para instalar os serviços técnicos de engenharia e obras, cada vez mais importantes e prementes.

Não temos arquivos. Não temos uma sala para ir guardando ordenadamente os objectos (e tantos vão surgindo pelo concelho) que hão-de constituir o futuro museu municipal. Não temos dependências para instalar os serviços de exploração e contabilidade de água e Luz, digamos os nossos futuros Serviços Municipalizados. Como se sabe, os funcionários encarregados deste sector andam aos saltos, ora utilizando um gabinete, ora uma escrivaninha da secretaria, ora os corredores em mesas improvisadas, etc. Não temos a mais pequena sala, para instalar os serviços de

aferições de pesos e medidas, que estão (veja que vergonha para um concelho!) a ser feitos no domicilio particular do funcionário respectivo.

Os próprios serviços que estão instalados, secretaria municipal, tesouraria, finanças, e secretaria judicial estão em condições detestáveis, com os funcionários a acotovelarem-se, em mesas contíguas, papéis e livros amontoados, etc. As Conservatórias e a Secretaria Judicial, está nas piores condições de instalação e funcionamento andam por fora, em edifícios impróprios, insalubres, indignos dos serviços públicos.

Estamos a pensar em meter ombros à tarefa pesada e assustante de solucionar este problema.

Pois olhe que já começaram os agitadores e pescadores de águas turbas a fazer das suas. Mas nós passaremos adiante, impávidos e serenos.

Também acha que estou dentro do aspecto político?

— Tenha paciência. Já agora continuo apenas a ouvir.

O magno problema da restauração da comarca

A necessidade de dotar o Concelho de um edifício condigno e satisfatório ressalta ainda de outro problema, também em aberto. Quero referir-me à criação da comarca. Creio que fico profundamente impressionado quando, durante a instrução de um processo e nas inúmeras vezes que um município tem de ir ao tribunal vejo, em Vila Verde, pessoas de tão longe, como Lordelo, Bouro, Seramil, etc.

Imagine o que significa uma deslocação, destas localidades a Vila Verde.

Confesso que é este um problema que envergonha a política concelhia como até, um pouco, a política geral do governo. É que não vejo outra explicação para tamanha anomalia senão a incúria, o abandono das coisas. De um lado, uma comarca sobre carregada, insuportável para funcionários e magistrados, uma comarca que continua uma grande *segunda classe*.

De outro lado, um julgado que será sempre uma pesada *terceira classe*, e que, se vier a ter as freguesias que sempre lhe pertenceram e tem conveniência nisso, terá de ser também de segunda.

Diga-me se isto significa pouco e se isto é ou não política séria.

— Ainda hei-de demonstrar neste jornal, talvez breve, toda e quanta razão lhe assiste.

— Não demore, amigo.

De resto, quanto à política geral do concelho, bem sabe

que está tudo unido e de mãos dadas.

Há, é certo, uns despeitados como em toda a parte.

Mas veja que, como aconteceu numa última manifestação, às vezes é o próprio pretendo político que mostra os pés de barro, descobre o seu verdadeiro íntimo e se apeia do pedestal que era, afinal, de argila...

— Não se importaria de voltar ao assunto, com mais esparço e tempo?

— Acho mesmo que é preciso. Quero vincar, e outra oportunidade, o bom entendimento e cooperação que existem entre as autoridades administrativas e o Sr. Presidente da União Nacional. Quero salientar a lealdade e seriedade de propósitos de ambas as entidades e o muito que poderemos fazer juntos, deixando de lado o que entorpecem, entravam e... nos põem uma mão nas costas e outra no gatilho.

— Obrigado e até à próxima. Que seja brevemente.

Carro de Aluguer

— Vende-se —

Marca, Dodge, em bom estado, e com licença de aluguer em Cadelas.

Informar escrever para

Francisco Ernesto Machado

Idro Eléctrica do Douro

Bemposta Mogadouro